

QUEM COMANDA A LEITURA LITERÁRIA É O LEITOR

Delcio Antônio Agliardi

Resumo: Este artigo resulta de pesquisa para a elaboração de tese de doutoramento em Letras sobre leitura literária na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir dos acervos de ficção do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), disponibilizados pelo Ministério da Educação aos sistemas públicos de ensino do país. Os dados empíricos foram construídos, através de pesquisa-ação, junto a alunos adultos de uma escola municipal de ensino fundamental. O estudo tem natureza qualitativa e se propõe a investigar a experiência de leitura literária de adultos em processo de escolarização tardia. Tem sustentação teórico-metodológica em autores como Lewis (2003), Thiollent (2009), Manguel (1997, 2006), Candido (2004). Os resultados parciais da investigação sinalizam que é o leitor quem comanda a leitura, é ele quem escolhe o que e quando ler e assim constituir a experiência de leitura no percurso de vida. Os resultados mostram também que o PNBE vem se constituindo em uma ação estatal de política educativa de leitura na perspectiva da seleção, da aquisição e da distribuição de livros às bibliotecas escolares com o propósito de estimular a cultura letrada. Na contramão deste processo, a leitura exigida dos alunos da educação escolar é comandada pelo currículo.

Palavras-chave: literatura na EJA; PNBE; experiência de ler.

Introdução

Antonio José Bolívar Proaño sabia ler, mas não escrever. No máximo, conseguia rabiscar seu nome quando precisava assinar algum papel oficial [...]. Lia atentamente, juntando as sílabas, murmurando-as a meia voz como se as saboreasse [...]¹

A escolha da epígrafe acima é intencional, visando sinalizar que a leitura e a escrita são duas distintas habilidades humanas. Antes mesmo de aprender a ler, quando a literatura surge nas histórias não lidas, mas ouvidas, o ser humano pode apreciar a fabulação e desse modo compor sua história de leitura. A experiência de ler ficção tem relação com o sistema de representação cultural e educacional de um povo; quem lê, a exemplo do fotógrafo, do músico, do artista plástico, quer melhorar a si próprio, desenvolver suas potencialidades, tornar-se um ser mais completo.

Este texto tem o propósito apresentar alguns resultados decorrentes de projeto de pesquisa sobre leitura literária praticada por adultos do ensino fundamental, modalidade EJA,

¹ SEPÚLVEDA, Luis. Um velho que lia romances de amor. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005, p. 35.

no âmbito dos acervos do PNBE enviados às escolas de educação pública do país. A expressão "quem comanda a leitura literária é o leitor" surge na tese para valorizar a experiência de ler ao longo da vida e em decorrência do processo de escolarização, que geralmente associa a leitura às demandas do currículo da educação básica. Sabemos que a educação de jovens e adultos, destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade própria, conforme dispõe a legislação da educação nacional, é uma modalidade de ensino que revela a distinção entre o ato de ler e o de escrever. Os adultos trazem leituras de mundo para o interior da escola, os quais serão importantes aliados da pedagogização da leitura e da escrita.

O método pesquisa-ação também é uma possibilidade de estabelecer relação com pessoas pouco escolarizadas, os quais fazem da leitura diferentes usos. O reconhecimento do direito à educação se associa a outros direitos humanos, entre eles à literatura. Deste modo, ler e escrever na educação básica são atividades para além da aprendizagem escolar, se inserem na conquista de acesso aos bens simbólicos produzidos historicamente. Os dados empíricos dessa pesquisa-ação dialogam com o referencial teórico para a compreensão das práticas de leitura de adultos da educação básica, da experiência de ler obras de ficção, da constituição de uma história de leitura e do direito à literatura.

A política pública, de abrangência nacional, visando incentivar à leitura tem ênfase no livro. A biblioteca da escola é um equipamento cultural responsável pelo recebimento, controle e disposição das obras aos alunos e aos professores. Por isso, este texto busca uma reflexão de maneira invertida, colocando o leitor no comando e não o livro, um movimento de diálogo com a experiência literária de adultos em processo de escolarização tardia, o qual transforma a literatura potencial em ação.

Muito se disse do PNBE, enquanto resposta histórica aos problemas da quantidade e da qualidade de acervos literários disponíveis para o trabalho pedagógico de professores da educação básica. Contudo, o volume de aquisições de livros de literatura para a ampliação de acervos da biblioteca da escola parece estar desconectado de projetos de leitura para além das exigências curriculares contemporâneas. *Quem comanda a leitura literária é o leitor* pretende ser uma contribuição à investigação sobre leitores adultos, livros dos acervos do PNBE e à política pública de leitura no ambiente escolar.

1. O PNBE E A LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A realidade da política educativa de leitura na Educação Básica mostra-se desanimadora. A desmotivação para ler textos de ficção, à medida que observamos o avanço crescente dos indicadores de alfabetização e de escolarização, tem se constituído num paradoxo na sociedade contemporânea. O contexto de influência, que reconhece o distanciamento dos alunos do texto literário, tencionou a formulação de política pública de incentivo à cultura letrada na escola. Uma das respostas dos gestores das políticas educacionais, no âmbito da leitura literária, se materializa no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), o qual visa fornecer obras de literatura às escolas públicas das redes federal, estadual, municipal e do Distrito Federal, no âmbito da educação infantil (creches e pré-escolas), do ensino fundamental, do ensino médio e educação de jovens e adultos (EJA). Compõe o PNBE gêneros literários, obras clássicas da literatura universal; poema; conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular; romance; memória, diário, biografia, relatos de experiências; livros de imagens e histórias em quadrinhos.

Todas as escolas públicas cadastradas no censo escolar, realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), são atendidas pelo programa, sem a necessidade de adesão. A distribuição dos acervos de literatura ocorre, nos anos pares, às escolas de educação Infantil (creche e pré-escola), anos iniciais do ensino fundamental e educação de jovens e adultos (somente a partir de 2010), e nos anos ímpares às escolas dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio.

Assim, as bibliotecas escolares do país têm à disposição obras de qualidade literária para o uso dos alunos. Todavia, o investimento financeiro do Governo Federal, visando a seleção, a aquisição e a distribuição de livros de literatura às escolas de educação básica, parece estacionar na biblioteca da escola. As funções históricas de apoio às práticas pedagógicas, à pesquisa e ao ensino de conteúdos do currículo escolar, fazem da biblioteca um espaço de baixo impacto na formação do leitor literário (HIDALAGO E MELLO, 2014). O ensino, segundo o qual o texto é instrumento para a aprendizagem de certos conteúdos, geralmente associados à alfabetização e à escolarização, gera dificuldades para a política educativa de leitura, pois vê o texto de ficção como auxiliar do saber escolar. Soma-se a isso a ideia de que a experiência do texto literário provoca desacomodação e não é para isso que o ensino existe.

A escola contemporânea é uma instituição que se apropriou da literatura como disciplina, como conteúdo, como veículo de transmissão de valores. Essa prática escolar põe a leitura na esteira do trabalho didático, que não penetra na face subjetiva e subversiva da

literatura. Geralmente, a leitura literária é colocada como uma obrigação, uma imposição das instituições escolares. Assim, o contato com a literatura, a fim de contribuir na formação cidadã, dar voz ao leitor e criar atmosferas de expressão estética e de constituição de um olhar crítico sobre a vida, ficam prejudicados, à medida que o texto de ficção tem a possibilidade de subjetivar quem lê e quem escreve.

De fato, a leitura de uma obra literária possibilita ao leitor viver situações imaginárias, incorporar outros personagens, outros cenários. Petit (2009), ao estudar a contribuição das bibliotecas públicas para a luta contra os processos de exclusão em bairros populares, observou que, para uma parte dos adolescentes e jovens, em termos de aprendizado, construção de si e das sociabilidades, mostrou-se evidente. De modo similar, observei durante a pesquisa-ação que a exploração de obras do PNBE e de outros acervos literários pelos alunos da EJA constitui uma singular oportunidade de diálogo interdisciplinar e reelaboração da história de leitura de cada um dos leitores em ação educativa.

Nas palavras de um aluno de EJA, entrevistado em 2014 durante a pesquisa de campo, "a biblioteca da escola tem tudo o que ele precisa". Esse aluno da EJA lamenta ter descoberto esse universo cultural somente aos 62 anos de idade. O contato com o texto literário movimenta-o para o interior de suas histórias de leitura, vividas fora dos muros da escola, e que agora se mostram como acontecimentos próximos. Para esse aluno, ler as letras da página de uma obra do acervo do PNBE é para esse aluno mais uma das formas de decifrar e traduzir signos da experiência de vida.

Na observação de campo, estabeleci diversos elementos de análise. O contato com a ficção deixava os alunos mais atentos sobre os próprios percursos vividos. Para Manguel (1997) cada livro é um mundo em si e nele podemos nos refugiar. Observei nos encontros da investigação que os alunos não liam livros, habitavam neles. As rodas de leitura, oportunizadas pela pesquisa, possibilitavam conexões entre os leitores da escola e a biblioteca. Cada leitor, de seu modo, buscava interagir com os textos literários disponíveis e comunicar seus efeitos. O conto, a poesia, a crônica, entre outros gêneros textuais, conduzem os alunos a lugares e a descobertas significativas. Manguel transcreve um excerto do Códice asteca da Idade Média, disponível em uma obra da Biblioteca do Vaticano, para sublinhar essa relação: "os que leem, os que contam o que leem, os que ruidosamente viram as páginas de seus livros, [...] são eles que nos conduzem, que nos guiam, que nos mostram o caminho". (MANGUEL, 2006, p. 9).

Cada um desses elementos compõe o enredo da vivência na pesquisa de campo, sem perder de vista as contribuições das atividades para o grupo, enquanto oportunidade singular para explorar o mundo a partir da biblioteca da escola. A distribuição das obras do PNBE às escolas, ao conectar-se a práticas pedagógicas inovadoras em relação ao uso de livros de literatura, sua apropriação e construção de novos sentidos a partir da leitura, poderá superar a tradicional concepção de leitura como decomposição de textos para o estudo de gramática. Em outro sentido, a biblioteca é um espaço de conexão entre os projetos desenvolvidos pelos professores e sua influência no mundo da leitura. A concepção tradicional de biblioteca vem sendo modificada. Ao invés da espera pelos leitores, seus dispositivos podem ser acionados para a movimentação de práticas de leitura, para instigar a observação, fortalecer a arte da narrativa, organizar a própria história do aluno e transformá-la.

Meus interlocutores da pesquisa, ao compreenderem melhor os fundamentos das coisas e da vida humana, presentes na literatura, partilham comigo inteligência, imaginação, espaços coletivos, diálogos na perspectiva da distribuição do capital cultural. A leitura estimulada pela pesquisa anima e engaja esses sujeitos, fortalece os espaços de liberdade, desenvolve outras formas de vínculo social, de pertencimento comunitário. Neste aspecto, a biblioteca não se configura como um lugar monolítico, mas um lugar de multiplicidade.

2. A BIBLIOTECA ESCOLAR: LUGAR DE LITERATURA POTENCIAL

A ação política dos gestores da educação nacional de estímulo à cultura letrada, por intermédio da distribuição de obras de literatura à biblioteca escolar, faz do PNBE uma política pública de compra de livros. Disponibilizá-los numa prateleira do ambiente escolar não passa de literatura potencial. Um livro de literatura tanto pode ser recebido pela escola como usado, quando recebido faz parte da economia cultural e da circulação de bens simbólicos; quando usado exerce a função de multiplicar, prolongar e preservar as experiências de leitura.

A pesquisa de campo desenvolvida com alunos da EJA mostra carência de projetos de leitura para impulsionar a cultura letrada no interior das escolas, de uso do livro de ficção na perspectiva da literatura em ação, pois o valor da leitura situa-se no que é lido, na narrativa da história, na emoção e no prazer que a arte literária proporciona. Na visão de Lewis (2003, p. 190), "a experiência literária cura a ferida da individualidade [...], ao ler a grande literatura, torno-me mil seres diferentes, sem deixar de ser eu próprio". Neste sentido, a cultura letrada,

que emana do processo de escolarização, tem que se abastecer do manancial disponível da ficção e não somente das obrigações curriculares da educação básica.

O direito à literatura (CANDIDO, 2004) encontra eco na promoção do direito à educação, destinada àqueles que não estudaram na idade própria, como exercício de mitigar os direitos de cidadania aos excluídos da sociedade. Os alunos da EJA são pessoas que têm histórias de vida marcadas pela exclusão social. A necessidade de trabalhar cedo, o abandono da escola, a violência e as desigualdades sociais são forças que afastam o sujeito do acesso aos bens simbólicos produzidos historicamente.

Com efeito, entre as determinantes sociais da leitura incluem-se a escolaridade. Estudos de Bourdieu e Chartier (1996) confirmam a influência do sistema de ensino nos níveis de leitura e mostram que os referidos níveis tendem a diminuir fora da escola. O abandono da escola coincide, quase sempre, com o abandono da leitura. Os baixos índices de alfabetização e de escolarização da população brasileira são fatores que impactam nas práticas de leitura. A participação cultural ligada à atividade escolar nem sempre ocorre de forma harmônica, considerando que, muitas vezes, o currículo escolar pouco valoriza as experiências dos alunos no processo pedagógico. Portanto, alfabetização, letramento, escolarização e diversidade cultural são aspectos indissociáveis no processo de educação, de significação abrangente na formação da pessoa.

Os dados empíricos da tese mostra que a biblioteca escolar ocupa um lugar modesto entre os alunos de EJA. Três fatores, interligados entre si, contribuem para esse resultado: (a) proibição de empréstimos de livros aos alunos da EJA, que ocorre sobre argumento pouco consistente, de que os alunos desta modalidade de ensino possuem trajetórias escolares marcadas pela intermitência de matrícula e frequência, situação que implicaria na não devolução do livro à biblioteca da escola; (b) carência de projetos de leitura literária desenvolvidos pela biblioteca escolar articulados com os conteúdos do currículo; (c) ausência de bibliotecário ou falta de professor para lidar com os acervos literários destinados ao público da EJA.

Talvez, em sentido amplo, a biblioteca representa o equipamento cultural mais emblemático que a escola construiu para dar conta das funções pedagógicas associadas à pesquisa e à informação. Como usar este potencial cultural em favor da aprendizagem e desenvolvimento de jovens e adultos? A resposta parece óbvia. Não basta oferecer bons textos e autores de qualidade para que os alunos comecem a ler, para que ocorra a circulação e a recepção da literatura.

3. O LEITOR LITERÁRIO NO COMANDO

A política atual de leitura educativa, articulada em rede de bibliotecas escolares, tem foco no livro e não no leitor. A seleção, a compra e a distribuição de livros aos sistemas de ensino do país deveriam ser ações estratégicas indissociáveis dos projetos de leitura destinados à comunidade escolar. Mas não é isso que está ocorrendo no cenário nacional. Estudos de Paiva e Berenblum (2009) e apontamentos do Tribunal de Contas da União mostram que há pilhas de livros estocados nas bibliotecas escolares sem uso. Neste contexto de prática da política educativa de leitura, poder-se-ia dizer que o livro é mais um objeto econômico do que cultural.

Na sociedade brasileira, em que a indústria editorial nasceu tarde e experimentou dificuldades históricas, o livro literário passou a ser, recentemente, um objeto valorizado pelo mercado, perante a convocação do Ministério da Educação aos editores. Desta forma, o mercado editorial vê uma oportunidade de negócio nos editais lançados para aquisição de obras de literatura às escolas públicas. Noutro sentido, a leitura na educação básica tem sido comandada pelo currículo escolar, o que faz de uma parcela de professores e bibliotecários desprezar a opção pelos livros de literatura oferecidos pelo PNBE. Em escala crescente, as atividades de leitura estão dirigidas aos conteúdos valorizados pelo currículo, sobretudo do ensino fundamental e do ensino médio. Assim, a formação do leitor e as práticas de leitura voltadas para o contato das diversas fabulações ficam prejudicadas. Os professores da educação básica, ao valorizar o livro didático, acabam colaborando com o enfraquecimento da relação afetiva, intelectual ou simbólica com a literatura.

Todavia, há leitores dotados de sensibilidade, os quais, no processo de autoformação ao longo da vida, buscam tempo livre e silêncio para se dedicarem à leitura. Neste sentido, os dados da pesquisa de campo indicam que não é o livro que comanda, é o leitor. Três entre quatro alunos da EJA, aqueles que aceitaram participar da pesquisa-ação, comprovam histórias de leitura marcadas pela fabulação oral ou escrita em que o leitor escolheu o que ler. Henrique, Laura e Ana², emprestam vozes empíricas para comprovar que a história de leitura é a história de cada leitor, conforme defende Manguel (1997). Como alunos em processo de escolarização tardia, trazem uma significativa bagagem de leitura de mundo e de narrativas literárias, também encontradas nos livros de literatura.

² Nomes fictícios visando preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa-ação.

A pesquisa-ação, deste trabalho, ao dar voz aos sujeitos, mostra que a leitura de ficção é comandada pelo leitor. É ele que recebe a obra que está a ler com um fim em si própria. Trata-se de uma busca na perspectiva da autoformação, pois cada ser humano vê a totalidade do mundo a partir de um ponto de vista cujas expectativas e seletividade lhe são peculiares (LEWIS, 2003). Portanto, a obra de ficção não pode ser avaliada por expor verdades sobre a vida e como auxiliar da cultura; nem a "boa" ou a "má" leitura que o leitor pratica, nem o tipo de leituras que os livreiros esperam. Enfim, não é o livro bom ou ruim que contribui com as histórias de leitura, mas o leitor ao escolher o texto que o convida e o impele a ler.

Algumas considerações provisórias

A investigação sobre leitores adultos, livros dos acervos PNBE e experiência de ler é uma tarefa complexa e imbricada com muitas outras questões da cultura e da educação de uma população. A prática de envio de livros às escolas pelo correio não é novidade, mas se mostra como uma das possibilidades de ampliação e qualificação dos acervos de ficção colocados na prateleira da biblioteca da escola.

Os primeiros resultados da pesquisa para a construção da tese de doutoramento em Letras sugerem que o comando de leitura literária é dado pelo leitor, tem relação com a experiência de ler ao longo da vida e se reconfigura no processo de escolarização, apesar de associada às atividades do currículo da educação básica. A educação de jovens e adultos, destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade própria, ao ser elevada à modalidade de Educação Básica, passou a receber, em 2010, quantidades de livros literários que ainda estão "guardados" na biblioteca da escola.

A pesquisa-ação pode ser tomada como uma alavanca para a resolução de problemas coletivos de leitura no interior da escola contemporânea, pois, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter educativo, sem abandonar o caráter científico conferido à investigação de campo. Não significa privilegiar o fluxo empírico em detrimento das questões relativas aos quadros de referência teórica sem os quais não faria sentido a pesquisa empírica.

Portanto, as vozes dos sujeitos da EJA, matriculados no ensino fundamental, são importantes recursos para adentrar no campo teórico da experiência de ler, que poderá ocorrer no processo de escolarização tardia. Contudo, a leitura comandada pelo currículo escolar não

é suficiente para alcançar os objetivos do PNBE enquanto estímulo à cultura letrada do país, pois o livro didático e as fontes de informação são outras referências para os saberes valorizados pela cultura escolar, distantes da fabulação da obra de literatura.

O estudo sugere que a estratégia da política educativa de leitura precisa ser outra, voltada para o leitor em processo de alfabetização e escolarização. Livros na prateleira não passam de literatura potencial. Mais do que livros, o importante é que haja leitores.

Referências

PAIVA, Jane; BERENBLUM, Andréa. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): uma avaliação diagnóstica**. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 173-188, jan./abr. 2009.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

HIDALGO, Angela Maria. MELLO, Cláudio José de Almeida. Políticas públicas, formação de professores e a articulação escolar da leitura literária. In: **Educar em Revista**, n. 52, p. 155-173, abr./jun. 2014. Curitiba: Editora UFPR. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n52/10.pdf>. Acesso em 17/04/2016.

LEWIS, Clive Staples. **A Experiência de ler**. Porto: Porto Editora, 2003.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2009.